

# CINEMA E INFORMÁTICA ENQUANTO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO E FORTALECIMENTO DE IDENTIDADE CAMPONESA

Estéfani Barbosa Silva <sup>1</sup>  
Giovana do Prado Machado Rosa <sup>2</sup>  
Larissa de Jesus Souza <sup>3</sup>  
Jennyara Carolina de Campos<sup>4</sup>

## Introdução

O presente trabalho pretende relatar a experiência de dois projetos do grupo de extensão universitária Núcleo Agrário Terra e Raíz – NATRA. O NATRA é um grupo que existe há 18 anos e se caracteriza por ser um grupo de extensão popular comunicativo e interdisciplinar que conta com estudantes da graduação de serviço social, história, direito e relações internacionais da Unesp campus de Franca. O grupo atua em acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST da região de Franca e Ribeirão Preto – SP na perspectiva da luta pela terra e reforma agrária. Atualmente o grupo desenvolve junto a comunidade alguns projetos, como o “Informática e cultura na reforma agrária” (conhecido pela população como “Inclusão Digital”), o “Trabalho Social com Comunidade” e “Educação do Campo para jovens e adultos”, e destes projetos desmembram alguns outros, como o “Cinema da Terra” e “Ciranda da Terra” (infantil).

Os projetos escolhidos para serem apresentados neste trabalho são realizados em um acampamento em Sales de Oliveira – SP e conta com aproximadamente 13 famílias e o assentamento “17 de Abril” que abriga cerca de 200 famílias e escola de ensino infantil “Leonor de Barros” no mesmo assentamento, na região de Franca e Ribeirão Preto - SP. Em linhas gerais, os projetos “Cinema da Terra” e “Inclusão Digital” tem como objetivo atuar na perspectiva de trabalhar e fortalecer a identidade camponesa através principalmente de conteúdos políticos e culturais de documentários, filmes, músicas, poesias, rodas de conversa, aulas de informática/debate. O artigo relatará mais profundamente o objetivo e funcionamento destes projetos, como se dá a execução, as possibilidades e desafios a partir da perspectiva dos extensionistas, demandas apresentadas pela comunidade, e por fim, também serão feitas a exposição de resultados parciais. Se faz necessário também uma breve discussão de cunho político acerca do trabalho de extensão comunicativa e popular a qual atende a comunidade, fazendo exercício de troca de conhecimentos, deixando claro a diferença entre projetos de extensão popular e comunicativa e projetos de extensão neoliberal, a qual presta serviços e tem mentalidade mercadológica.

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp campus de Franca e membro do Núcleo Agrário Terra e Raíz – NATRA.

<sup>2</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp campus de Franca e membro do Núcleo Agrário Terra e Raíz – NATRA.

<sup>3</sup> Graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp campus de Franca e membro do Núcleo Agrário Terra e Raíz – NATRA.

<sup>4</sup> Assistente Social pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp campus de Franca e membro do Núcleo Agrário Terra e Raíz – NATRA.

## **Projetos “Cinema da Terra” e “Informática e Cultura na Reforma Agrária”**

O projeto "Cinema da Terra", que é desenvolvido no Assentamento “17 de Abril” Restinga - SP e no Acampamento “Vanderley Caixe” Sales de Oliveira - SP, é uma atividade desenvolvida pelo NATRA desde 2010 e se efetiva por meio da exibição de filmes, seguidos de debates ou outras atividades culturais (roda de poemas e ou músicas e dança). Este projeto especifica-se em apresentar filmes aos assentados com o intuito de promover debates e reflexões acerca da questão agrária, como objetivo de potencializar os saberes populares, bem como a preservação de sua cultura, propiciando no indivíduo uma construção de identidade enquanto agente de transformação do espaço em que vive e também construção de um coletivo. A proposta do grupo é fazer com que neste projeto se construa uma ponte entre a comunidade dos assentamentos e universidade, possibilitando desenvolvimento (em seu sentido mais amplo) através do acesso a novas informações, debates e inovações, gerando assim uma integração entre os espaços urbano e rural, com o intuito da diminuição da desigualdade e distância entre os mesmos. As atividades são quinzenais e são efetivadas concomitante nos dois assentamentos.

O projeto "Informática e Cultura na Reforma Agrária" ou “Inclusão Digital” (também executado pelo NATRA e financiado pelo Ministério da Educação - MEC) realiza atividades voltadas para cidadania e cultura, que são executadas no Assentamento “17 de Abril”, assim como no Acampamento “Vanderley Caixe” e ocorrem quinzenalmente em ambos. Os trabalhos são voltados à ações de cidadania em duas áreas: cultura e inclusão digital, de crianças, jovens e adultos. Configura o cronograma deste projeto atividades de acesso à informática incluindo o manuseio de programas como windows, word, excel, power point, pesquisa virtuais em sites e etc, assim como atividades complementares com ações voltadas para o debate da realidade agrária e de cultura. Tendo em vista que a inclusão digital é um dos principais empecilhos à construção da cidadania, uma vez que o acesso às mais variadas tecnologias da informação e comunicação faz-se necessário para o desenvolvimento das relações dos indivíduos, comunidades, grupos e sociedades num contexto de interdependência complexa, o projeto tem como intencionalidade levar os benefícios advindos da inclusão digital para adultos e crianças de assentamentos rurais da Região de Franca e Ribeirão Preto, como forma de universalizar à informação. O Núcleo Agrário Terra e Raiz – Natra – propõe-se a utilizar da tecnologia como meio para a inclusão dos assentamentos nos mais diferentes espaços, seja ele político, econômico, social, cultural, ou para quaisquer outras demandas que atendam às suas necessidades. A troca de saberes e experiências são meios e fins do projeto e os principais temas estão ligados com cidadania e a questão agrária, afim de fomentar debates e fortalecer o reconhecimento da identidade camponesa.

### **Demandas apresentadas pela comunidade**

Nos projetos acima citados, pudemos enquanto extensionistas notar a demanda de determinadas atividades apresentadas pela comunidade. Ao longo das atividades e discussões no assentamento “17 de Abril” por exemplo, se fez notório o desejo e necessidade das mulheres por realizar um novo projeto em que o protagonismo seja a construção de hortas domésticas e plantas medicinais. A partir dos filmes e documentários e atividades de informática em que trabalhávamos a questão de identidade camponesa, foi se afunilando alguns que tinham mais importância e concreticidade para a realidade dos

participantes. A horta para as mulheres, é um meio de se reconhecer camponesa e empoderada, além de desbravar vários outros assuntos relacionados como a saúde, alimentação, agricultura familiar, etc.

As demandas da comunidade são apresentadas de diversas formas, podendo ser requisitadas logo de imediato ou sendo amadurecida durante a execução dos projetos. E não necessariamente será relacionada com o projeto existente, mas com o que a partir dele pode se expandir, se emancipar, se imaginar, estudar, ambicionar.

## **Possibilidades e desafios para os extensionistas**

Para execução dos diversos projetos de extensão comunicativa e popular os extensionistas encontram desafios de cunho político e estruturais/financeiros.

Apontaremos algumas barreiras que a extensão popular encontra para se manter firme. Por exemplo, o tripé universitário se compõem de ensino, pesquisa e extensão, no entanto, o ensino e pesquisa são prioridades da maior parte dos estudantes, por conta do ranqueamento de notas, por produtividade científica e reconhecimento meritocrático para a disputa de intercâmbios nacionais e internacionais e diversos outros programas da própria universidade pública, e posteriormente por conta do mercado de trabalho. A partir disso um primeiro desafio a ser apresentado é: conquistar um maior número de estudantes compondo espaços de construção e execução dos grupos de extensão, a quantidade de estudantes que se atrai e compõe de forma responsável e contínua os grupos de extensão popular, são relativamente muito inferiores quando comparado aos grupos de pesquisa, estudos e até os de extensão neoliberal. O apoio institucional, ou a falta dele, ilustra o segundo desafio dos extensionistas para o trabalho junto a comunidade. O apoio institucional fica em déficit quando se trata de apoio referentes à verbas, com o desmonte e sucateamento da universidade pública os cortes de orçamento são direcionados primeiramente para as atividades de extensão, tendo grande significado político, pois ao não nos relacionarmos com a comunidade, afastamo-as e distanciamos-nas da realidade da universidade e deixamos de trocar conhecimentos científicos e saberes populares, passando dessa forma a hierarquizar o conhecimento acadêmico e alimentando a desvalorização dos saberes populares. Em nosso trabalho de forma mais concreta, podemos apontar a falta de apoio institucional no que tange o transporte dos extensionistas e coordenadoras do grupo da UNESP até o local das atividades, no assetamento ou acampamento, quando a Universidade deixa de transportar-nos com seus veículos, alegando que os mesmos não podem entrar em “estrada de terra”, forcejando assim que o próprio grupo se re-arranje com a pouca verba anual que consegue através de projetos enviados a PROEXT – Pró-Reitoria de Extensão e contrate serviços de transporte. De forma a simplificar, os maiores desafios se caracterizam pela supervalorização do ensino e pesquisa, deixando à margem os grupos de extensão, e pela falta de apoio institucional que compromete a estrutura para a execução das atividades, e que de forma significativa acontece por motivos políticos o sucateamento das extensões.

Como possibilidades, podemos ressaltar a organização interna do grupo, e o comprometimento com os movimentos sociais afim de se manter ativo e colaborando na luta pela terra e reforma agrária, além de outras bandeiras como o feminismo, raça/etnia, lgbt e outros que se façam coerentes com a luta por uma socialização plena e justa da comunidade camponesa. As reuniões e planejamentos do grupo, resultam sempre em projetos duradouros e concisos de acordo com a demanda do público-alvo que trabalhamos,

além de estudos, produções científicas, participações em eventos sejam eles acadêmicos ou de militância, e também realização de eventos e campanhas dentro da universidade afim de propor a discussão e conhecimento acerca da realidade agrária, algumas delas podem ser citadas, como por exemplo, a “Campanha contra agrotóxicos e desperdício de alimentos” realizada no restaurante universitário da Universidade, complementado por atividades ao longo do ano como cine-debates e rodas de conversa, simpósio, palestras e mini-cursos. Existe também como força motor para continuidade o grande apoio do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, que mantém boa relação com o grupo para além da relação extensionista-comunidade.

### **Resultados parciais**

Como os projetos ainda se encontram em andamento, não se faz possível uma avaliação final, mas até o presente momento já foram realizadas diversos cine-debates e aulas de informática básica, pautando-se sempre na filosofia do educador Paulo Freire, objetivando a criação do conhecimento pelo exercício permanente de construção da horizontalidade e respeito por meio do diálogo entre educadores e educandos.

Ao final de cada atividade, sempre se faz uma avaliação coletiva onde os sujeitos do campo, fazem sugestões de novos temas a serem trabalhados, e outras formas que gostariam de trabalhar, apresentam demandas, como a oficina de gênero, por exemplo, que surgiu em um desses momentos.

O projeto “Informática e Cultura na Reforma Agrária” pretende ao seu final a produção de textos que relatem a experiência junto aos assentamentos. Esses textos serão construídos de forma coletiva visando publicação de artigos e apresentações de trabalhos, assim como pensa-se na organização de livros que abordem a temática da Reforma Agrária. Também prevê-se a realização de oficinas e seminários onde sejam relatadas e discutidas as temáticas que estão envolvidas nas grandes áreas do projeto.

### **Extensão Comunicativa e Popular *versus* Extensão Neoliberal**

Se faz necessário apontar as diferenças entre extensão comunicativa e popular e extensão neoliberal, visto que a primeira sofre com boicotes e empecilhos de ordem política para se realizar, visto que almeja a emancipação da sociedade e por consequência um enfrentamento ao Estado. A segunda, por trabalhar apenas como “prestadora de serviço” sem o objetivo de trabalhar a tomada de consciência e emancipação do ser humano, recebe apoio institucional das universidades de ordem política e financeira, além de receber também grandes investimentos dos setores privados como forma de conquistar boa imagem perante a sociedade. Setores privados estes, que em sua maioria explora a força de trabalho do trabalhador, seja ele da cidade ou rural, e cria condições de adoecimento. O ajuste promovido pelo neoliberalismo tornou o ensino superior um mercado promissor que despertou interesses empresariais. A lógica empresarial deu ao ensino superior do país uma nova cara, muito diferente das universidades e centros de excelência baseados no tripé ensino-pesquisa-extensão. (FREIRE, 2011)

O NATRA trabalha com o referencial teórico de Paulo Freire para respaldar suas ações de extensão universitária. O debate sobre educação e cultura pressupõe o diálogo e a interação com a comunidade onde esta ação se efetiva. O debate plural e interdisciplinar entre os membros do grupo e os integrantes do MST tem como pedagogia a troca de saberes e a defesa de um projeto democrático de sociedade e de universidade. O que pressupõe, num processo pedagógico, a crítica e o diálogo em busca e um processo de conscientização dos envolvidos. Como afirma Paulo Freire: “a conscientização que lhe possibilita inserir-se no processo histórico como sujeito, evita fanatismos e os inscreve na busca de sua afirmação” (FREIRE, 2000)

A relevância dos projetos desenvolvidos pelo grupo se dá pelo contexto histórico brasileiro de concentração fundiária e de desigualdade social, que torna necessária a realização de políticas públicas de Reforma Agrária. O grupo se pauta na responsabilidade da extensão na construção do diálogo permanente entre comunidade e universidade pública, segundo o tripé universitário ensino, pesquisa e extensão.

A questão central que esse debate deve encarar é que não se conquistem direitos pelo mero acesso ao “mercado”, e sim através de políticas públicas universais e igualitárias. Nesta perspectiva, entendemos que a extensão universitária, principalmente das Universidades Públicas, tem hoje como desafio central “a defesa das Políticas Públicas, participando na formulação, acompanhamento e avaliação dessas Políticas em todos os âmbitos da federação e setores de atuação, especialmente aqueles relacionados à garantia dos direitos” (SOARES, 2007, p.2). Conforme observou Laura Tavares Soares “não podemos transformar a Extensão em programas pobres para pobres (a la “responsabilidade social” das empresas, apenas para aplacar a “má consciência” a respeito do seu papel social)” (idem). ( SOARES apud FREIRE 2011)

## **Considerações finais**

Por fim, este artigo pretende relatar a experiência de extensão universitária do grupo NATRA, no acampamento “Vanderley Caixe” e assentamento “17 de Abril”, evidenciando a informática e cinema como possibilidade e combustível para discussão e manutenção de discussões e formações políticas junto a comunidade, bem como principalmente junto aos objetivos dos projetos ativos potencializar o reconhecimento e fortalecimento da identidade campesina, entre crianças, jovens e adultos.

O artigo trouxe também a metodologia dos projetos, as demandas apresentadas pela comunidade, os desafios e possibilidades que os extensionistas encontram em meio ao processo de execução junto ao apoio institucional, resultados parciais, e diferenciação política dos chamados projetos de extensão popular e comunicativa e extensão de cunho neoliberal.

Para concluir, o grupo viu na cultura e tecnologia um meio de se garantir atividades que sejam úteis e atrativas a comunidade, o cinema por exemplo, que para além de desencadear debates e reflexões, também como lazer e entretenimento, e a informática que para além sua função técnica, também traz a cultura por meio da internet, a discussão sobre mídias e tecnologias.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, J. C. . **PROJETO “Informática e Cultura na Reforma Agrária e sua interlocução com a Educação do Campo”**. In: VII Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais, 2015, Campinas. Anais. Campinas: FEAGRI / UNICAMP, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 28ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2000.

FREIRE, Silene de Moraes. **Desafios da extensão universitária na contemporaneidade**. Revista Conexão UEPG. v. 7, n. 1 (2011).

GONÇALVES, L. L. et al. **Núcleo Agrário Terra e Raiz: uma experiência de extensão universitária militante**. Rev. Ciênc. Ext. v.5, n.2, p.98-99, 2009.

SILVA, V. J. T. ; SANTANA, R. S. ; CARMO, O. A. ; CAMPOS, J. C. . **Informática e Cultura na Reforma Agrária e sua contribuição no fortalecimento da identidade campesina**.. 6º congresso de extensão universitária da unesp , 2015.

SOARES, Laura Tavares. **Prefácio: Direitos humanos políticas públicas e extensão universitária**. In: FREIRE, Silene de Moraes (Org.). Direitos humanos, violência e pobreza na América Latina contemporânea, RJ, Letra e Imagem, 2007 230 p.9-12.